



Entrevista ao Comandante Territorial de Setúbal da GNR, coronel Marco Gonçalves

“O efetivo da guarda toma milhares de decisões a cada turno” Pág. 8 e 9



+ Região

Diretor Raul Tavares

Semanário Região de Setúbal

Edição n.º 1163 9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O Expresso

Sexta-feira 04 março 2022

# semmais

IMIGRANTES SOFREM DE LONGE E RECORDAM TERRA NATAL



## Viver a guerra à distância

- > 500 ucranianos só em Setúbal
- > Onda de solidariedade no distrito
- > Advogados oferecem serviços

## Vinhos da região perdem um milhão com a Rússia

Pág. 10

### Auchan de Setúbal em tribunal

Quatro dezenas de funcionários levaram a empresa à barra, por causa do cartão de refeição.

Pág. 6

### Guerra não afeta portos da região

O porto de Sines não tem atividade com a Rússia, o de Setúbal tem transações residuais

Pág. 10

### Oito concelhos com mais crimes

A maior parte dos concelhos urbanos da região estão entre os que registam mais crimes

Pág. 6



CORAÇÕES APERTADOS A MAIS DE QUATRO MIL QUILOMETROS DE DISTÂNCIA DA TERRA NATAL

# Sofrimento e memórias da comunidade ucraniana no distrito



Pavlo Sadkna



Irina Humel



Vasyl Senkiv

## Quase 500 imigrantes ucranianos só em Setúbal

**ANTES DE ECLODIR** o mais recente conflito armado na Ucrânia, o número de pessoas deste país que estavam a residir em Portugal seria de 28 mil. Um número bem menor ao que se registou há alguns anos, quando chegaram a ser quase 80 mil. A maior parte dos ucranianos que neste momento residem no país encontram-se a Sul do Tejo. No concelho de Setúbal serão, de acordo com as estatísticas municipais, 487. Os relatórios do SEF referem que para além dos concelhos do distrito de Setúbal, a comunidade ucraniana é igualmente muito visível no Algarve, nomeadamente na zona de Albufeira.

Todos estão mobilizados em nome da Ucrânia. Uns recolhem bens de primeira necessidade, outros alistam-se para combater, outros, ainda, desfilam narrativas dos anos em que estavam integrados na ex-URSS.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO  
**IMAGEM** DR

**É COMO SE DE UM** momento para o outro o distrito de Setúbal tivesse passado a fazer parte da Ucrânia. Há, em todos os concelhos, postos de recolha de bens essenciais que têm aquele país como destino. Veem-se, em várias janelas de diversas localidades, bandeiras azuis e amarelas. Os imigrantes ucranianos, muitos deles há vários anos a residirem em Portugal, estão mobilizados. Enquanto uns procuram arranjar condições para os refugiados da guerra, outros prepa-

ram-se para tomar parte ativa na mesma.

Pavlo Sadkna é o presidente da Associação dos Ucranianos em Portugal. Conta que nos últimos “dias e noites” praticamente não tem dormido: “Todos os dias, a toda a hora, há pessoas a telefonarem. Querem saber onde podem entregar comida, roupas, medicamentos e dinheiro. As ofertas já são tantas que em muitas cidades já não temos onde as guardar. Outras pessoas querem transporte para a Ucrânia, para irem para a guerra. Também há portugueses que se ofereceram para irem combater. São 30 antigos militares. Encaminhamo-los para a embaixada, porque têm de assinar papéis, termos de responsabilidade”.

“Queremos muito agradecer a todas as pessoas que nos procuram. Este apoio todo significa que a Ucrânia não está sozinha contra Putin, esse animal, que está a disparar contra crianças... O nosso país passou sempre por dificuldades, mas agora a economia até estava a melhorar”, refere o mesmo responsável associativo.

Em Santiago do Cacém, Vasyl Senkiv, de 49 anos e há 21 a residir em Portugal, descreve o mesmo ambiente solidário e frenético. “Temos dois postos de

recolha de bens em Santo André e outros dois em Sines, assim como um em Santiago e estão sempre a chegar mais pessoas com donativos. Já conseguimos uma camioneta que vai partir em breve para a fronteira com a Ucrânia. Vai carregada com ajuda”, diz.

Vasyl Senkiv, empregado numa fábrica de rações, afirma que a mobilização dos ucranianos naquela zona é total. “Muita gente trabalha nas fábricas de Sines. Estabeleceram-se aqui muitas pessoas e, que se saiba, nunca houve razões de queixa de ninguém”, continua.

Mas se fisicamente muitos ucranianos estão em Portugal, mentalmente encontram-se todos no país Natal. Vasyl conta que tem conseguido falar diariamente com a mãe e uma irmã que residem numa povoação próxima da fronteira com a Polónia. “Para já está tudo bem, mas a qualquer momento tudo pode mudar para pior. Os russos gostam de matar ucranianos. Veja como foi em 1933 e 1934, quando fecharam as fronteiras e deixaram morrer à fome mais de cinco milhões de pessoas (o Holodomor, ou a Grande Fome, e que se terá iniciado, a mando de Estaline, em 1932). O que se passa agora, apesar de ser mui-

to grave, não é novidade. A Rússia está a fazer guerra à Ucrânia desde 2014”.

### BOMBARDEAMENTO DE CASAS E MEMÓRIAS DA URSS

Também há relatos de momentos de guerra. Vasyl recorda que na casa dos familiares da mulher, em Ternopil, no oeste do país, vivem agora 25 pessoas. São refugiados vindos de localidades bombardeadas pelos militares russos.

“Os russos dizem que não atacam os civis, mas isso não é verdade. Na casa da família da minha esposa, em Ternopil, estão a morar neste momento 25 pessoas. Estão lá uns que moravam num sexto andar de um prédio em Kharkiv, que é a segunda maior cidade da Ucrânia. A casa ficou toda destruída”, acrescentou.

Em Pegões o Semmais encontrou Irina Humel, uma ucraniana de 56 anos e que reside em Portugal há 20. Irina, que trabalha num café, tem um filho, a nora e um neto de três anos de idade e que só viu quando o mesmo tinha meses, a viverem em Lviv, próximo da Polónia. Conta que naquela localidade os russos atacaram logo no início do conflito, atingindo alvos militares. “Primeiro foi a Covid-19,

que não nos deixava viajar. Agora é a guerra. Não sei quando volto a ver o meu filho e o meu neto”, diz.

As recordações que tem da Ucrânia, onde trabalhou como contabilista, não são as melhores. Não porque não gostasse de voltar à pátria, mas porque durante a infância viveu o período de ocupação russa. “Quando era criança sofríamos muito. Os russos tinham tudo e nós, os ucranianos, passávamos muitas dificuldades. Para comprarmos manteiga lá para casa, onde vivíamos cinco pessoas, tínhamos de passar muitas horas na fila da loja. Havia muitas dificuldades”.

Irina Humel, que veio sozinha para Portugal em busca de melhores condições de vida, tendo trabalhado em estufas de tomate e “em tudo o que era possível”, lembra-se também de atos repressivos que, diz, “as pessoas do mundo têm de conhecer”: “Os russos não nos deixavam falar a nossa língua. Não nos deixavam frequentar as nossas igrejas. Quando chegava a Páscoa ou o Natal, para que não fôssemos às festas religiosas, obrigavam-nos a ir fazer limpezas às escolas. Fizeram-nos sempre muito mal, mas nós só queremos paz na nossa terra”. ■

SENTIMENTO DE UMA PÁTRIA PELOS OLHOS DO SACERDOTE

# Padre crê que muitos compatriotas vão partir para o combate



Exerce em paróquias do Montijo, Quinta do Conde e Azeitão. Não ficará surpreendido se alguns compatriotas rumarem ao seu país, por que, diz, “sempre tivemos sentido de liberdade”.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO  
IMAGEM DR

Ivan Petliak é ucraniano e padre. Integrado na Igreja Católica Ucraniana, tem autorização para professar os ritos bizantino e católico. Exerce a sua atividade no Montijo, em Azeitão e na Quinta do Conde. É uma das pessoas a quem, diariamente, muitos compatriotas se dirigem na tentativa de encontrarem algum conforto devido à guerra que opõe o seu país à Rússia.

Na breve conversa que mantive com o Semmais, o padre Ivan deu conta de que “ninguém estava à espera do que aconteceu”, apesar de os ucranianos residentes em Portugal “saberem que, desde 2014, a Rússia estava a alimentar os separatistas no Leste da Ucrânia”.

“Agora a Rússia mostrou os dentes e não só”, afirma. Para o padre não será surpresa se alguns dos seus paroquianos manifestarem, em breve, o desejo de rumarem ao seu país para combaterem. “Na História sempre tivemos o sentido especial de liberdade. Sempre lutámos. Temos uma História triste, cheia de dores e sofrimento causados, sobretudo, pelos russos. Eles têm tudo no país deles. Não percebo porque querem tomar conta do que é do povo ucraniano”, diz.

**IVAN DIZ QUE COMUNIDADE ESTÁ GRATA A PORTUGAL**

“Neste momento há muita gente a sofrer na Ucrânia e em todos os países onde vivem

Ivan Petliak professa ritos bizantinos e católicos

ucranianos. Todos sofrem juntos e sei bem que se for necessário, muitos vão voltar ao país”, acrescenta.

O padre Ivan Petliak diz também que a comunidade ucraniana é grata aos vizinhos portugueses, a quem agradece todas as manifestações de apoio. “Em Portugal sempre sentimos muita fraternidade e solidariedade. Sempre nos sentimos bem neste país, que para muitos também é o deles, uma vez que muitas pessoas já têm dupla nacionalidade. Em Portugal não estamos sós”, salienta.

A comunidade ucraniana do distrito de Setúbal, maioritariamente distribuída pelos concelhos de Almada, Montijo, Barreiro, Seixal e Setúbal está, na opinião do padre, pronta para receber as muitas centenas de refugiados já admitidos pelas autoridades nacionais e locais. “Quando chegarem os nossos irmãos vamos todos ajudar. Estamos prontos”, conclui.

# Cáritas lança campanha de angariação de donativos

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO  
IMAGEM DR

**A CÁRITAS DIOCESANA** de Setúbal iniciou uma campanha para auxiliar as vítimas da guerra na Ucrânia. A iniciativa pretende reunir fundos que serão enviados para aquele país e, ao mesmo tempo, disponibilizar em instalações próprias, na cidade, alojamento para mães e crianças que cheguem e que não tenham onde ficar.

Em declarações ao Semmais, o presidente da instituição, Domingos de Sousa, disse que no final da semana passada, após o agravamento da situação na Ucrânia, a Cáritas Diocesana de Setúbal entendeu, de imediato, fazer um donativo de 5.000 euros. “Essa verba foi canalizada para uma conta da Cáritas Nacional, que depois a reencaminhará”, explicou.

Domingos de Sousa adiantou, por outro lado, que a instituição já decidiu que irá disponibilizar a casa de acolhimento que dispõem na cidade para mulheres e crianças que, entretanto, cheguem fugidas da guerra

e sem outras hipóteses de obterem abrigo. “Neste momento temos nove vagas, uma vez que temos apenas quatro jovens mães e crianças e um total de 13 quartos. Essas jovens mães irão ser transferidas para o Centro Social da Paz, na Bela Vista”, disse.

A campanha da Cáritas de Setúbal é, no entanto, mais abrangente. De acordo com o seu presidente, está igualmente decidido que 50 por cento do peditório público que está a ser promovido pela diocese assim como a mesma percentagem do dinheiro recolhido nos ofertórios ficará cativo para que possa ser canalizado para o auxílio dos refugiados ucranianos.

“A Cáritas Diocesana não está neste momento a fazer qualquer recolha de alimentos, vestuário ou medicamentos, uma vez que essa tarefa já está a ser cumprida por outras instituições. O que fazemos, quando surgem pessoas ou entidades a quererem fazer esse tipo de donativos, é encaminhá-los para os locais que estão a realizar esse trabalho”, adiantou ainda Domingos de Sousa.



## 7 DIAS

### DOCAPESCA INVESTE NOS ARMAZÉNS DO PORTO DE PESCA DE SINES

A Docapesca – Portos e Lotas lançou um concurso para a impermeabilização da cobertura dos armazéns de aprestos no porto de pesca de Sines no valor de 100 mil euros. A empreitada, que visa a melhoria das condições de trabalho dos operadores, contempla várias intervenções.

### Imagem da câmara de Almada para manifestar solidariedade à Ucrânia



Todos os concelhos de distrito de Setúbal manifestaram esta semana estar solidários para com o povo ucraniano. Instituições públicas e privadas, assim como anónimos do nosso território envolveram-se em várias campanhas de recolhas de bens essenciais para doar aos refugiados.

### ALQUEVA REFORÇA ABASTECIMENTO DE ÁGUA À ZIL DE SINES

A água do Alqueva começou, quinta-feira, a ser transferida para o Sistema de Santo André, no concelho de Santiago do Cacém, permitindo reforçar o abastecimento à Zona Industrial e Logística de Sines (ZILS). O investimento da Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva (EDIA) é de cerca de 12 milhões de euros.



“O paradigma que está por trás disto é achar que um Estado tem o direito de determinar outro, de intervir com toda a violência que hoje a guerra comporta, para impor a sua vontade imperial.

**D. José Ornelas,**  
bispo de Setúbal,  
a propósito da invasão russa à Ucrânia

# Rugby Club manda carrinha a Bucareste para trazer refugiados

Clube desportivo, mas sempre virado para ações humanitárias, enviou para Bucareste equipa de médicos e enfermeiros com alimentos, vestuário e medicamentos ofertados na cidade.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO  
IMAGEM DR



**A ECLOSÃO DA GUERRA** na Ucrânia desencadeou em todo o país uma onda de solidariedade. Setúbal não foi exceção, com um grupo de cidadãos a unirem-se em torno do desafio lançado pelo Rugby Club de Setúbal e a juntarem donativos para entregarem, na próxima semana, a refugiados que se encontram em Bucareste, na Roménia. A partida foi quarta-feira. Na viagem de regresso a Portugal a camioneta do clube deve trazer para a cidade alguns ucranianos.

“Esta não é uma situação nova para o clube. Já ajudámos

quando das crises na Madeira (enxurradas), no Haiti (terramoto) ou em Moçambique (inundações). Também temos colaborado com o hospital de Setúbal na angariação de meios para combater a pandemia de Covid-19. Estamos sempre disponíveis para fazer algo por quem mais precisa”, disse ao Semmais o presidente do Rugby Club de Setúbal.

Segundo João Terlim., o clube, tomando conhecimento de um movimento que se estendeu ao país, resolveu de imediato iniciar um pedido de alguns bens essenciais, nomeadamente me-

dicamentos, alimentos e vestuário. Ao mesmo tempo respondeu afirmativamente à solicitação de um grupo de médicos e enfermeiros locais, cedendo uma carrinha de 16 lugares (a mesma que serve para transportar os atletas) que irá participar na viagem de mais de 4.000 quilómetros até Bucareste.

“Temos o auxílio das juntas de freguesia da cidade. Serão eles quem, em conjunto com outros organizadores, irão ajudar a instalar as famílias ucranianas que contamos trazer para Setúbal”, revelou João Terlim.

A carrinha (mais algumas

Donativos chegam à Roménia na próxima semana

viaturas de pessoas da cidade que se uniram ao projeto) partiu da Ericeira na companhia de outros grupos de voluntários, juntando-se posteriormente, já em Espanha, a grupos saídos do Porto e do Algarve. De acordo com Pedro Fonseca, empresário do setor imobiliário e um dos primeiros a aderir à iniciativa, o grupo estabeleceu contactos com a câmara de Bucareste, a qual deverá providenciar alojamento, por um dia, a todos os voluntários nacionais.

## IMOBILIÁRIAS CEDEM CASAS GRATUITAS A UCRANIANOS

Pedro Fonseca disse também que à chegada à Roménia, os voluntários portugueses deverão ficar a conhecer as listas de pessoas ucranianas que estarão dispostas a viajar para Portugal. Esse trabalho é das autoridades locais, explicou.

“Uma vez no nosso país, na sequência do que já foi combinado com diversos empresários do setor imobiliário, as pessoas irão ser distribuídas por várias casas que, entretanto, ficaram disponíveis. Ninguém terá de pagar qualquer renda. Tratam-se de ofertas dos empresários, que foram fazendo levantamentos por todo o país e disponibilizaram habitações. Esta situação abrange, também, Setúbal. De início já tínhamos capacidade para receber 50 a 60 pessoas, mas agora, com o aumento das ofertas, teremos certamente capacidade para trazer mais de uma centena de pessoas”, adiantou.

Pedro Fonseca referiu também que uma segunda caravana nacional, incluindo novamente voluntários de Setúbal, deverá partir para Bucareste dentro de dez dias. “Não pedimos apoios oficiais, porque as pessoas disponibilizam o que podem de livre vontade. Há muitos anónimos, das mais diversas áreas laborais e sociais, que estão a aderir à iniciativa. Estamos diariamente a receber telefonemas de pessoas e entidades que se voluntariam”, acrescentou. ■

# Cerca de 400 advogados disponíveis para apoiar nas questões legais

Conselho Regional da Ordem dos Advogados contratou dez tradutores e terá pessoal em permanência para ajudar no preenchimento da documentação legal.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO  
IMAGEM DR

**OS ADVOGADOS** são apenas uma entre muitas profissões que se uniram para auxiliar os ucranianos residentes no país e aqueles que, fugidos da guerra, estão a chegar. No Conselho Regional de Lisboa, onde se incluem vários concelhos do distrito de Setúbal, já há entre 300 a 400 profissionais que se voluntariam para a tarefa. A expectativa é que, nos próximos dias, face ao previsível aumento dos pedidos de ajuda, este número aumente.

O presidente do Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Advogados, João Massano, deu conta ao Semmais das diligências que este organismo tem vindo a desenvolver desde o passado sábado. Nessa ocasião, sabendo-se que iriam chegar ao país e, muito provavelmente à Área Metropolitana de Lisboa (onde se incluem nove concelhos do distrito de Setúbal) algumas centenas de refugiados ucranianos, porque é esta a zona

do país onde residem mais imigrantes daquele país, foi decidido acionar os meios ao dispor da Ordem dos Advogados para simplificar a entrada de muitos que não entendem a língua portuguesa.

“Mesmo com as facilidades que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras está a dar neste caso especial dos ucranianos fugidos da guerra, é necessário ter em conta que há questões de segurança que não podem ser descuradas. Há pessoas que chegam e têm amigos à espera que os podem auxiliar a preencher documentos, mas também há aqueles que terão, obrigatoriamente, de recorrer a tradutores. Por isso já contratámos dez”, disse João Massano.

O representante da Ordem



dos Advogados acrescentou depois que, até meio da semana havia “entre 300 a 400 advogados inscritos” para as tarefas que, no distrito de Setúbal, envolvem as delegações que funcionam nos municípios de Almada, Seixal, Barreiro, Moita e Sesimbra. “Será necessário prestar muito apoio jurídico quando da entrada dessas pessoas no país. Há tarefas, como a obtenção e legalização

Conselho Regional da OA já contratou dez tradutores

de documentos, que ficarão muito mais simplificadas com o auxílio dos advogados”, lembrou.

Até terça-feira, ainda de acordo com João Massano, os advogados que se voluntariaram para ajudar a comunidade ucraniana já haviam recebido cerca de uma centena de pedidos. ■

# Onda da solidariedade 'invade' Igreja N.ª Senhora da Conceição

Começou com apelo nas redes sociais e levou até aos salões da Igreja de Setúbal, em S. Sebastião, centenas de oferendas com destino à Ucrânia. O padre Constantino Alves, fala de "adesão espantosa".

TEXTO TIAGO ALMEIDA  
IMAGEM SEMMAIS

**A FUGA DA GUERRA** provocada pela invasão Russa à Ucrânia, deixou famílias sem teto, sem bens e sem meios de sobrevivência, mas também gerou uma onda de solidariedade mundial à qual a comunidade do distrito não ficou indiferente. A ação social faz parte do dia a dia da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Setúbal que, desta vez, abriu portas para 'estender a mão' às centenas de milhares ucranianos que se encontram refugiados nos países vizinhos do leste da Europa.

Foi nas redes sociais que o apelo foi lançado e, em dois dias, muitas foram as pessoas que se deslocaram à paróquia para doar alimentos, roupas e medicamentos, num gesto humanitário que,

praticamente, esgotou o espaço reservado para a iniciativa.

"A adesão foi espantosa, nunca imaginei que fosse assim. São dezenas e dezenas de pessoas que trazem tudo o que foi solicitado. Veem com alegria, mas também com pesar interior e tristeza, algumas nem conseguem falar. Temos também uma equipa de voluntários organizada porque foram perguntando: 'precisa de voluntários?', e têm vindo sempre para fazer a triagem do que chega", diz ao Semmais o Padre Constantino Alves, enquanto vai coordenado a ação que resultou do pedido de ajuda que chegou através da Igreja Ortodoxa e de uma associação ucraniana sediada em Alcochete.

Num outro canto da sala, a voluntária Maria Luísa Soares



faz referência ao facto de "apesar de dizerem que Setúbal é uma cidade pobre, tem contribuído muito". Em tom de desabafo conta a história de uma senhora que, por "não poder ter filhos, doou roupa nova e alimentos de bebés: "Fiquei arrepiada e com um nó na garganta.

## FRENESIM DOS VOLUNTÁRIOS, MUITA EMOÇÃO E SIMBOLISMO

Enquanto os voluntários empacotam e etiquetam as caixas dos donativos, vimos um cha-

péu com a bandeira com as cores azul e amarelo ao fundo da rua. Era Liliana, uma cidadã com dupla nacionalidade, portuguesa e ucraniana, que se dirigia à igreja com a família para ajudar e presenciar a iniciativa de um distrito que está de mãos dadas com a sua terra Natal. Em lágrimas, disse que "não esperava em tão pouco tempo" a angariação de tantos bens e sublinhou a "união" e o "terem escutado os gritos" do seu povo.

Quem também se uniu ao

projeto foi a Casa do Gaiato. Enquanto a nossa equipa de reportagem esteve na paróquia, a instituição entregou uma quantidade tão avultada de caixas, que, sozinhas, quase ocuparam o espaço da carrinha dos Bombeiros de Alcochete que estava a transportar as doações para um pavilhão disponibilizado pelo Comandante do Corpo de Bombeiros do município.

Daqui, depois de traduzidas para ucraniano e inglês, as caixas seguem rumo à Polónia, na esperança de que o gesto solidário dos habitantes do distrito, sobretudo de Setúbal, Palmela, Pinhal Novo e Alcochete possa aconchegar os corações sofridos dos muitos ucranianos que, confrontados com a invasão russa, tiveram que fugir para um país vizinho e continuar a acreditar ser possível viver em paz no futuro.

Parafrazeando uma das declarações do padre Constantino Alves ao nosso jornal: "Isto dá-nos um espírito de confiança em dizer que há mais bondade no mundo do que maldade, porque, caso contrário, o mundo estava destruído. Estes acontecimentos tão trágicos, tão cruéis e tão criminosos que causam tanto sofrimento, como dizia uma senhora ucraniana 'para trás só ficam lágrimas de sangue'".

# PORTO DE SINES

## PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA



PORTO DE SINES

O porto de águas profundas de Sines está apto a receber os maiores navios do mundo e a movimentar todos os tipos de cargas, oferecendo ligações diretas regulares aos principais mercados dos cinco continentes. Com elevados índices de produtividade e operações 24 horas por dia, Sines potencia a economia e as exportações nacionais, assumindo-se como a Porta Atlântica da Europa.



www.portodesines.pt

# Oito concelhos da península entre os que registam mais crimes no país

Levantamento da Prodata refere que as participações criminais na maior parte da região são superiores à média nacional. Dos concelhos urbanos só Alcochete não está incluído nos 80 mais afetados.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO  
IMAGEM DR



**HÁ OITO CONCELHOS** da península de Setúbal incluídos na listagem nacional relativa aos que registam maior número de participações criminais por cada 1.000 habitantes. A constatação resulta da análise dos dados da Portada, que fez um levantamento das ocorrências participadas a nível nacional entre os anos de 2017 e 2020.

De acordo com essas mesmas estatísticas, dos oito concelhos incluídos numa lista de 80, há seis que têm um número de

participações superior à média nacional, a qual se cifra nas 31,8 denúncias por cada milhar de habitantes. Esses seis concelhos são o Barreiro, o sétimo classificado a nível nacional, com uma taxa de queixas de 42,9, Sesimbra, que no ranking do país é 10º classificado, com 38,7, Montijo, o 11º concelho, com 38,3, Almada,

colocado em 12º lugar e com 38,1. Seguem-se Setúbal, em 13º lugar, com 35,6 e Palmela, na 14ª posição, com 34,5.

Abaixo da média nacional, mas ainda dentro dos concelhos onde, alegadamente, existe maior incidência criminal, encontram-se a Moita, 19º concelho do país, com 31,5 participações por 1.000

habitantes, e o Seixal, que ocupa o 50º posto com 25,3.

## SETÚBAL EM 3.º LUGAR NOS CRIMES VIOLENTOS E GRAVES

A nível nacional os três primeiros lugares relativos à criminalidade violenta e grave contabilizados em 2020 são ocupados por Lisboa (4.963 ocorrências),

Porto (1.854) e Setúbal (1.593). Refira-se, por outro lado que, de acordo com o último Relatório Anual de Segurança Interna (IASI), referente a 2020, a criminalidade geral tem maior incidência nos distritos de Lisboa (69.993 casos participados às diversas entidades policiais), Porto (50.460 casos) e Setúbal (28.253).

Fonte da PSP contactada pelo Semmais para comentar o índice de criminalidade no distrito de Setúbal referiu que o número de concelhos representados (oito em 13, sendo que das áreas urbanas só não consta Alcochete) “não surpreende face ao que mostram há muito os relatórios de segurança interna anuais”. “Setúbal, por ter uma grande densidade populacional e devido à proximidade com Lisboa é, naturalmente, um dos locais com maior número de crimes”, disse.

O mesmo responsável fez, no entanto, questão de salientar que nem sempre os números constantes dos relatórios são condizentes com a realidade. “Há pessoas que não apresentam queixa. Muita gente não fica satisfeita com as demoras, sejam das investigações, seja das decisões dos tribunais”, explicou. Em relação às primeiras a mesma fonte considera que são entraves carências várias como “a falta de pessoal, de meios, nomeadamente viaturas, e a falta de condições em diversas esquadras da PSP e postos da GNR”. ■

# Funcionários da Auchan de Setúbal levam empresa a tribunal

No processo, cuja sessão no tribunal está marcada para dia 18, os colaboradores manifestam desagrado pela imposição de terem de utilizar o cartão de refeição apenas nos hipermercados da marca.

TEXTO FILIPA PEREIRA  
IMAGEM DR

**QUATRODEZENAS** é o número de trabalhadores que se juntou para, com os próprios meios, contratarem uma advogada para processar a Auchan. Em causa, está o descontentamento dos funcioná-

rios perante o facto de o cartão de refeição ter, para além dos restaurantes onde pode ser usado, uma obrigatoriedade de gasto exclusivo nas lojas da marca.

O uso do cartão, para os colaboradores com mais anos de serviço, era facultativo. Atualmente, é obrigatório para todos os que trabalham para a empresa. Um dos trabalhadores que participa nesta contestação esclareceu o Semmais de que existe insatisfação com esta alteração, embora, para o processo instaurado contra a empresa, “o pior é mesmo a forma como o impuseram no sentido de ter de o gastar lá (na Auchan)”.

O mesmo colaborador explica ainda que, apesar da legalidade jurídica do cartão, e do “alegar da empresa de que existem restaurantes anexados para além do hipermercado”, o Contrato Coletivo de Trabalho diz que “não é legal ter de o

despender na própria empresa”. Sublinha ainda o facto de colegas “não morarem perto de uma Auchan e terem de se deslocar, havendo, nesse sentido, um prejuízo no orçamento familiar”.

## SINDICADO AGUARDA NOVAS AÇÕES DA EMPRESA

Por sua vez, Helena Pereira, dirigente sindical, refere que “a situação é complicada” e que as instruções foram as de aguardar para perceber “até onde a Auchan iria depois das ações desenvolvidas, como o abaixo-assinado feito contra o cartão de refeição”, justificando, assim, o facto de não ter sido o sindicato o primeiro a dar o passo neste processo.

Questionada pelo nosso jornal, a Auchan Retail Portugal disse que “com a extensão do cartão “Bom Garfo” a todos os colaboradores, pretende-se “uniformizar a forma de paga-



Empresa vai responder em Tribunal a 18 de março

mento do subsídio de refeição”, acrescentado que o cartão “pode ser usado na rede de estabelecimentos aderentes” que conta com “mais de 200 restaurantes” e “nos refeitórios e máquinas de vending de todos os locais de trabalho”.

Para além disto, a empresa diz oferecer benefícios, como o “desconto de colaborador (5%), o desconto diário do cliente (10%) e uma entrega online gratuita por mês”.

Na resposta enviada por escrito, não foram pronunciadas palavras acerca do processo em tribunal aberto pelos colaboradores da Auchan de Setúbal. ■

DISTRIBUÍDOS COMPUTADORES E VIDEOPROJECTORES POR 23 ESCOLAS

# Autarquia do Seixal investe em práticas didáticas digitais

Equipamentos vão chegar a 53 salas de aula do 1.º ciclo e 43 de atividades do pré-escolar. Iniciativa integra-se no Plano de Ação para a Transição Digital.

**TEXTO** DORA DUARTE  
**IMAGEM** DR

**A AUTARQUIA DO SEIXAL** está a equipar as escolas do 1.º ciclo do ensino básico e os jardins de infância, da rede pública, com novos computadores e videoprojectores, com o objetivo de potenciar um maior sucesso educativo.

Com esta iniciativa, que contempla a distribuição de 96 LCD/Videoprojectores, a câmara municipal pretende dotar todas as salas de aula, dos 23 estabelecimentos escolares do concelho da sua competência, “com os equipamentos necessários à introdução de práticas didáticas inovadoras”.

“Trata-se de dar continuidade e de contribuir para



uma medida de um projeto vasto que abrange, de forma articulada, um amplo leque de áreas e setores da sociedade: o Plano de Ação para a Transição Digital. Este plano pretende ser um instrumento de desenvolvimento através da capacitação digital dos professores /educadores e da digitalização das escolas, e vem ao encontro do esforço realizado pela autarquia nos

últimos anos e que se pretende concluir no presente ano, através da dotação de todas as salas de aula e salas de atividade do pré-escolar com os equipamentos e ferramentas necessárias ao pleno apetrechamento digital das escolas”, explica ao Semmais a vereadora Maria João Macau, que tem o pelouro da Educação, Mobilidade, Urbanismo e Recursos Humanos.

## INICIATIVA É CONSIDERADA DE “PRIORIDADE MÁXIMA”

Em declarações ao Semmais a autarca disse ainda que esta iniciativa de digitalização para as instituições de ensino constitui “uma das medidas de prioridade máxima”, que “pretende garantir a conectividade para alunos e docentes, o acesso a recursos educativos digitais de qualidade e o acesso a ferramentas de colaboração em ambientes digitais que estimulem a criatividade e a inovação”.

Com um investimento municipal orçamentado em 158 mil euros, serão equipadas 53 salas de aula do 1.º ciclo e 43 de atividades do pré-escolar. A distribuição dos equipamentos será realizada após a conclusão dos procedimentos de aquisição, sendo que o município já realizou entregas nos estabelecimentos escolares os procedimentos já foram concluídos.

Estando ‘em cima da mesa’ “diminuir as assimetrias e as limitações tecnológicas, incluindo o acesso à Internet em todas as áreas escolares”, o presidente da Câmara Municipal do Seixal, Joaquim Santos, considera que “mais recursos tecnológicos ao serviço da educação potenciam um maior sucesso educativo e de integração”. ■

## Ruínas romanas de Troia reabrem

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO

**AS RUÍNAS ROMANAS** de Troia, que incluem o maior complexo de salga de peixe do mundo construído durante o Império Romano, reabriram ao público quinta-feira, depois de encerradas durante quatro meses. Trata-se de uma iniciativa da Troia Resort, que desse modo, em conjugação com a câmara de Grândola, pretende aumentar o fluxo turístico no concelho.

Em declarações ao Semmais, a responsável pelo setor arqueológico da Troia Resort, Inês Vaz Pinto, disse que são aguardados, já em março, “algumas centenas de visitantes”. No entanto, de acordo com a mesma responsável, será na altura da Páscoa que é esperado o maior afluxo de visitantes. “As visitas não serão guiadas, mas todas as pessoas poderão percorrer o espaço e recolher informação sobre o mesmo consultando os sete painéis explicativos que estão distribuídos na zona”, adiantou.

As ruínas de romanas de Troia estão classificadas como monumento nacional desde 1910. Incluem vários conjuntos de casario, termas, necrópole e as famosas fábricas que se dedicavam à salga de peixe e à confeção, em tanques de pedra também conhecidos como cetárias, do garum, um condimento obtido a partir da decomposição do pescado e que depois era enviado para todo o Império Romano, onde era considerado um produto de alto valor.

Recentemente os responsáveis pelo empreendimento turístico, em conjunto com agentes de restauração de Lisboa, procederam à recuperação de uma das cetárias, produzindo ali, a partir de 400 quilos de sardinha pescada por embarcações da Sesibal, a cooperativa de pesca de Setúbal e de Sesimbra, diversas quantidades de garum.

A estação arqueológica, com cerca de dois quilómetros, pode ser visitada todas as semanas, de quarta-feira a sábado, entre as 10h00 e as 13h00 e as 14h30 e as 18h00. Os preços são de seis euros para os adultos. Estudantes, reformados, caminhantes, ciclistas e grupos organizados pagam cinco euros. A entrada é gratuita para crianças até 12 anos. ■

## Projeto para Quinta do Conde inclui auditório, biblioteca e multiusos

O projeto da câmara de Sesimbra inicia com a construção de um auditório de média dimensão, mas faz parte dos planos inserir neste parque cultural uma biblioteca e um pavilhão multiusos.

**TEXTO** DORA DUARTE  
**IMAGEM** DR

**FOI, RECENTEMENTE,** aprovado em reunião de câmara um novo concurso para a construção do Auditório na Quinta do Conde, que ronda os 2 milhões e 200 mil euros. O equipamento, que aguarda novamente por empreiteiros, será dotado de uma estrutura térrea e disponibilizará uma oferta cultural, “há muito pretendida pela autarquia”.



“Este será um equipamento diferenciador e que não existe na freguesia da Quinta do Conde, a maior de Sesimbra, com cerca de 30 mil habitantes, e que há tanto tempo era desejado. A sua construção é uma aposta da câmara para colmatar a inexistência de um espaço desta natureza. A nossa opção passou construir um auditório à semelhança da sala Mário João Sargedas, que permitirá uma maior dinâmica ao longo do ano, com concertos e atividades culturais e cívicas, com todas as condições quer de conforto ou logísticas, quer de som e luz”, avançou ao Semmais

Francisco Jesus, presidente do município.

O autarca prevê que a obra do edifício, que ocupará uma área cerca de 800 metros quadrados, inicie em novembro, no terreno onde habitualmente se realiza a Feira Festa. “Tendo em conta que o valor da empreitada obriga a um visto prévio do Tribunal de Contas, partindo do pressuposto que há candidatos, eu diria em bom rigor, segundo aquilo que tem sido a média de tempo, que daqui a oito meses estaremos a avançar com a obra no terreno”, disse.

Mas o auditório é só uma par-

te de um projeto ambicioso que contempla ainda a construção de uma biblioteca e de um pavilhão multiusos: “A nossa aposta foi de facto num auditório que não fosse de grandes dimensões, porque está prevista a construção de uma biblioteca que terá outro auditório mais pequeno e ainda um pavilhão multiusos para grandes eventos, que possa ser multifacetado entre atividades desportivas e grandes concerto”, explica Francisco Jesus.

Segundo o autarca, se tudo correr nos tempos previstos, a “biblioteca, cujo projeto de execução está quase pronto, irá a concurso no segundo semestre deste ano e poderá ser financiado através do PRR”. Já o pavilhão multiusos está na fase de estudo prévio. “A Quinta do Conde ficará servida de equipamento coletivos na área da cultura e do desporto”, conclui, afirmando que a ideia é terminar o mandato com as duas obras finalizadas e o multiusos já em construção. ■

CORONEL MARCO GONÇALVES E OS DESAFIOS DO COMANDO DA GNR NO DISTRITO

# “A guarda também tem o dever de combater os estigmas”

Assumi o Comando Territorial de Setúbal há cerca de três meses, mas é um profundo conhecer da região e das suas particularidades. O coronel Marco Gonçalves lembra que os seus militares também erram, mas tomam milhares de decisões a cada turno. De resto, quer cada vez mais ligação às comunidades.

ENTREVISTA RAUL TAVARES IMAGEM DR

**Conhece bem a região, que especificidades aponta no que diz respeito à ação do comando que chefia?**

Esta unidade de comando tem uma especificidade muito própria, porque estamos a falar de uma área de jurisdição onde se verifica um desequilíbrio natural muito particular. As zonas Norte e Sul do distrito são distintas, no que diz respeito aos modelos de policiamento. A Norte temos áreas como Almada, Palmela e o destacamento de Setúbal, zonas mais densamente povoadas e com particularidades muito diferentes na sua essência, das registadas a Sul, nomeadamente em Grândola ou Santiago do Cacém.

**O que identifica a Norte da região de problemático... os bairros sociais?**

Há muitas diferenças, mas declino sempre esse conceito do bairro problemático. Nos anos 90 havia muito essa designação, depois a evolução da própria doutrina afastou essa ideia para zonas urbanas sensíveis, que também levanta alguma imprecisão. Para nós o que existe são zonas de policiamento especial, focando no que é mais importante.

**Nessas zonas podemos falar de problemas em muitos outros domínios, desde logo o emprego e as carências. Mas, a Costa da Caparica na época balnear não é uma zona urbana sensível?**

No fundo o conceito é o mesmo, mas o modelo é outro. Portanto, temos aqui várias zonas sensíveis e, nestas, temos algumas áreas em que o policiamento merece uma atenção especial, nomeadamente em recursos.

**É também um certo combate ao estigma?**

Claramente. Lutamos um bocado contra isso. Aliás, desenvolvemos inúmeras atividades nesses bairros. Temos alguns

projetos em curso para combater qualquer tipo de pensamento de exclusão e empreendermos uma atividade policial inclusiva, onde procuramos articular esforços com rede de parceiros que nos possam aproximar da comunidade. No fundo, atuamos com o mesmo tratamento sem olharmos a um tipo de população alvo.

**Mas não escamoteia o facto de a marginalidade estar mais concentrada nessas zonas urbanas?**

Como é evidente, dada a maior concentração populacional. É um fator que está associado a outros fenómenos. Por exemplo, o desemprego também tem a sua importância nestes casos, pela quantidade de pessoas que muitas vezes possam estar dedicadas a atividades ilícitas. Em zonas menos populosas, como no Sul da região, estes casos são mais rapidamente referenciados e já estão identificados pela guarda. Na zona Norte, o fluxo é maior e é mais difícil ter capacidade de os sinalizar e monitorizar.

**Nessas zonas mais densas há coabitação entre a GNR e a PSP. Funciona bem?**

São muito poucas. Nos doze concelhos do distrito em que operamos, só em cinco registamos essa partilha de responsabilidade. E em 47 freguesias apenas três. Estamos a falar de uma mancha que se cinge a Almada, Seixal, Setúbal e 49,2% da população residente. A nossa área de jurisdição cobre cinco mil quilómetros quadrados e 98,5% do território.

**Face ao que já referiu que problemas mais preocupam o comando e a sua liderança?**

São várias, mas a primeira é garantir a segurança e a tranquilidade públicas. E esta condição inclui diversas variáveis, porque ao mesmo tempo que se procura garantir direitos, liberdades



e garantias, a nossa atividade representa um risco para esses direitos.

**O que quer dizer com isso?**

Quer dizer que a guarda tem que olhar a sua atividade nessa dupla perspetiva, que carece de alguma reflexão. No quadro das nossas funções, e em determinadas situações, na garantia da segurança de alguém muitas vezes entramos em colisão com os seus próprios direitos. Tendo isso em consideração, os nossos militares são levados e instruídos, dentro da organização, a atingirem uma maior qualidade do serviço prestado, que é essencial à sociedade.

**Parece uma crítica. Refere-se a alguns exageros?**

Antes pelo contrário, é uma constatação e uma preocupação constantes dos responsáveis da guarda. Na nossa atividade há essa duplicidade de garantir direitos mas, em situações extremas, corre-se o risco de colocá-los em causa. É uma linha muito tênue. Por isso digo aos meus militares que temos que saber viver com esses contextos. Veja o caso das multas de trânsito. Os guardas são sempre mal vistos, apesar de estarem a exercer as suas competências ao abrigo da lei. Vejo o caso dos telemóveis, com as filmagens que fazem da nossa atuação, em direto. Temos que viver com essas realidades.

ATIVIDADE	
Crimes	14983
Detenções	2158
CO Rodoviárias	41389
CO Policiais	13714
Acidentes de viação	5932

APRENSÕES	
Armas	123
Munições	3124
Explosivos	19

E, nestes casos, a única atitude é fazer as coisas bem feitas.

**Isso implica muita formação?**

De forma permanente. Porque a formação, instrução e o treino vai-nos permitir atingir uma condição para reduzir a margem de erro nas situações em que operamos e nas decisões que tomamos. Convém dizer que os guardas deste comando tomam milhares de decisões em oito horas de serviço.

**A falta de efetivos é também um problema?**

Em Setúbal, nos últimos dois anos, e com todas as condicionantes da seleção, recrutamento e formação associados à pandemia, estamos neste momento com algum deficit de acordo com o quadro orgânico que está aprovado.

**Com que número conta atualmente?**

Mais de mil na malha territorial, que é o primeiro nível de emprego operacional. E ainda há dias recebi outros 50 militares, sendo que até ao final do ano, espero repor todo o dispositivo.

Já agora, acrescento que este número refere-se ao primeiro nível de emprego operacional, que é a força reativa, através das patrulhas das ocorrências nos postos territoriais e algumas patrulhas especiais. Há ainda que contar, em oito destacamentos e trinta e dois postos, com destacamento de trânsito e ainda outro de intervenção, que operam num segundo nível. E ainda um 3.º e um 4.º nível de emprego operacional, com unidades de reserva que têm diariamente tarefas de reforçar o dispositivo territorial.

**As unidades de intervenção, por exemplo?**

Sim, em Setúbal dispomos de um destacamento de intervenção, sediada em Lisboa, que reforça o comando, o qual atua mediante a projeção de patrulhas que acolhemos de acordo com o nosso planeamento. Este comando é muito grande e os militares não só têm que descansar como têm que estar ao serviço nas devidas condições, porque a frequência de ocorrências policiais é muito, mas muito, acentuada. E, depois, repare



que o trabalho noturno é ainda mais desgastante, com grande impacto na vida dos guardas. No fundamental, disponho da capacidade de balancear os meios disponíveis para as zonas ou locais onde os mesmos são mais necessários.

**Concorda com a percepção de haver menos policiamento nas ruas?**

Mais houvesse... O modelo de policiamento que outras forças policiais podem ter é diferente porque atuam em áreas mais concentradas. Mas faço notar a particularidade e beleza do modelo da GNR que consegue garantir, com todas as limitações e condicionamentos que são conhecidas, o patrulhamento em 98% do território do distrito.

**Mas faz sentido ou não haver mais polícia na rua?**

A doutrina diverge em relação a isto. Se se vê pouco policiamento é porque faltam recursos, se se vê polícias em grande quantidade gera-se algum desconforto. Dou o exemplo de um recente incidente tático-policial grave que tivemos no Pinhal Novo, que se complicou e criou um alarido na zona, pelo facto de termos co-

locado, em 20 minutos, cerca de 200 militares no local.

**Em que é que ficamos. O que defende?**

Considero que o ideal é sabermos identificar os problemas e a sua localização levando ao balanceamento harmonioso do nosso efetivo. Há um trabalho grande desenvolvido por todas as valências da unidade na sinalização dos fenómenos criminais, onde acresce o trabalho das nossas secções de prevenção e policiamento comunitário. Desenvolvemos assim um trabalho que assume dimensão preventiva. Temos equipas associadas a programas especiais, escolas, comerciantes, ou mesmo o domínio da proteção da natureza, onde temos realizado um esforço muito grande para dar resposta à cada vez mais exigentes necessidade da sociedade.

**Já falámos do efetivo, não me vai dizer que não tem queixas sobre parte das instalações no distrito?**

Não. Mas vou dar-lhe uma parte da minha narrativa, porque também aí é preciso desmistificar algumas questões. Antes

**Percurso de trinta anos sempre muito ligado a Setúbal**

A carreira do coronel Marco Gonçalves, que já percorre trinta anos de vida, está desde cedo muito ligada à região. Chegou a Setúbal como capitão e praticamente comandou os mais importantes unidades e destacamentos até 2000, altura em que saiu, com o desenvolvimento natural da carreira. Voltou como major, para chefiar unidades ligadas ao Estado-Maior e associadas ao Comando Territorial. Saiu e voltou em 2019, já como tenente-coronel, para assumir as funções de segundo-comandante. Tem agora pela frente, desde dezembro do ano passado, a missão de chefiar toda a GNR do distrito.

de mais, há uma coisa que eu garanto: Não há nenhuma instalação policial da GNR no distrito que coloque em causa a dignidade das pessoas que lá trabalham.

Nenhuma! Temos problemas, é verdade. Em 50 instalações policiais e outras infraestruturas de apoio espalhadas pelo distrito, temos dois problemas que nos têm dado preocupação.

**Quais são?**

Grândola e o destacamento de intervenção de Almada. No resto, há instalações antigas, mas estão limpas. Muitas delas adaptadas e sem possibilidades de grande intervenção ou expansão, mas dignas para o trabalho.

**Como estão esses casos de Grândola e Almada?**

Em Grândola, digo-lhe em primeira mão, mercê do esforço da autarquia e da tutela, já há um terreno acordado e um projeto que visa a construção de um novo destacamento. Este investimento, segundo sei, já está incluído no plano de infraestruturas do Estado para o próximo ano. Até lá, já temos uma solução provisória para arrendamento das instalações das Infraestruturas de Portugal, mesmo à entrada da localidade. Estou convencido que nas próximas semanas pode ocorrer a transferência.

No outro caso, o destaca-

mento de intervenção de Almada está localizado, desde 2009, num aquartelamento do Forte de Almada, na zona histórica, mas vai ocupar um terreno na Charneca da Caparica, cujo processo tem sido adiado. Houve uma reunião recente entre as várias entidades para acelerar este projeto, até porque o Forte de Almada merece ter outro usufruto por parte da população.

**No quadro da vossa ação, quais os crimes mais preocupantes?**

No distrito os maiores problemas e mais graves são os furtos, ou seja crimes contra o património. Aqui incluem também os roubos por esticção e sem ser por esticção. Os primeiros, que estão no topo das nossas preocupações têm muito a ver com os hábitos de hoje, com as famílias a saírem e regressarem a cada à mesma hora. No que se refere à criminalidade registada houve um ligeiro aumento em 2021 e continuamos a ter grandes apreensões de droga e armas, na sequência de inquéritos criminais e da própria ação das patrulhas no âmbito da atividade policial preventiva. ■

**PORTO DE SETÚBAL**

**Um polo de desenvolvimento da economia da região**

O Porto de Setúbal tem uma localização privilegiada com excelentes acessos marítimos e boas ligações rodoviárias ao seu hinterland. Integra uma das mais importantes zonas industriais e logísticas do país e oferece ligações diretas à Rede Ferroviária Nacional e à Rede Rodoviária Principal, inserindo-se na Rede Transeuropeia de Transportes (RTE-T) o que o torna *um dos portos mais competitivos da Costa Atlântica da Europa*.

Dispõe de terminais portuários especializados em todos os tipos de carga, com grande capacidade disponível, localizados fora dos limites da cidade, com ligações diretas e sem constrangimento de tráfego. É líder nacional no segmento Roll-On Roll-off na movimentação de veículos novos com *linhas regulares que servem os mais diversos portos da Europa, Mediterrâneo e Extremo Oriente*.

É um *porto chave no apoio à eficiência da indústria na região* onde, se localizam as principais indústrias exportadoras do país, bem como no *abastecimento de bens de consumo ao seu hinterland*, o qual integra a região da Grande Lisboa.

APSS Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA  
www.portodesetubal.pt

ISO 9001 ISO 14001 OHSAS 18001

PUBLICIDADE

AINDA SE VENDE VINHO PARA A RÚSSIA, MAS MERCADO UCRANIANO JÁ FECHOU

# Prejuízos imediatos podem chegar ao milhão de euros

Casa Ermelinda de Freitas e Adega Cooperativa de Pegões exportam para os dois países em guerra. Conflito pode vir a agravar os custos de produção. CVR diz que é necessário continuar a procurar novos mercados.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO  
**IMAGEM** DR

**O CONFLITO ARMADO** que opõem a Ucrânia à Rússia já está a provocar prejuízos no setor vinícola da região. Produtores como a Casa Ermelinda de Freitas e a Adega Cooperativa de Pegões poderão ter quebras nos negócios imediatos na ordem, conjunta, de 800 mil a um milhão de euros. A longo prazo, no entanto, as quebras deverão ser bem mais acentuadas, uma vez que os dois mercados eram considerados emergentes e com elevado potencial de crescimento.

“A Rússia é um mercado para o qual estávamos a exportar há cerca de dois anos e para onde existiam boas perspetivas de crescimento. Tínhamos negócios na ordem dos 500 mil euros anuais com a Rússia e uma boa perspetiva para o futuro. Ainda na semana passada, antes disto se ter iniciado, enviámos um contentor de vinho. O mercado ucraniano estava agora em vias de dar os primeiros passos.



Íamos a Kiev em abril e até já tínhamos alguns princípios de acordo com alguns clientes. Ainda não tínhamos começado a exportar, ma estávamos em vias disso”, disse ao Semmais Leonor Freitas, administradora da Casa Ermelinda Freitas.

Leonor Freitas diz, no entanto, que os principais lesados portugueses no setor vinícola deverão ser os produtores de vinho verde. “O mercado russo aprecia muito o vinho verde. Esse poderá ser o segmento mais afetado. É que, apesar de oficialmente não existir um corte declarado nas exportações, as mesmas cessaram e ninguém sabe quando poderão ser retomadas, se vol-

tarão a existir e em que moldes”.

A mesma empresária diz ainda que para além dos prejuízos decorrentes dos negócios que poderão deixar de se efetuarem há, também, “outras grandes e prejudiciais implicações sociais”: “Todos os preços irão certamente subir. Os combustíveis irão aumentar o preço e os meios de produção aumentarão por arrasto. Não conhecemos a dimensão do problema, mas ele é real”.

## ADEGAS PROCURAM NOVOS MERCADOS COMPRADORES

O presidente da Adega Cooperativa de Pegões, Jaime Quendera, revelou, por sua vez, que aquela empresa ainda mantém

todos os negócios com a Rússia, ao contrário do que sucede com a Ucrânia, onde foram suspensos logo no início do conflito.

“Temos contactos com os dois países. Para nós, no imediato, os negócios que deixaram de ser feitos correspondem a cerca de 200 a 300 mil euros. São apenas um por cento da faturação total anual e, apesar de exportarmos vinho para mais de 50 países diferentes, este não deixa de ser um problema importante. Se há novos mercados em perspetiva? Há sempre. A nossa busca de novos mercados e clientes é constante”, adiantou o responsável da Adega Cooperativa de Pegões.

Jaime Quendera disse ainda que, até ao momento, a empresa não foi informada pelos compradores russos de uma eventual suspensão dos negócios. “Os bancos também já nos fizeram essa pergunta, mas até ao momento não temos quaisquer cancelamentos vindos da Rússia. Aliás, temos várias encomendas prontas a sair para lá”.

O presidente da Comissão Vitivinícola Regional (CVR) da Península de Setúbal, Henrique Soares entende que, para já, não é possível quantificar economicamente os prejuízos para os produtores da região. Defende, por outro lado, que as empresas locais iniciem contactos de modo a entrarem em novos mercados.

“A situação é preocupante. Tanto a Rússia como a Ucrânia eram dois mercados emergentes, sendo que o primeiro estava bem mais consolidado. Agora, numa altura em que nem sequer sabemos se existem condições para se consumarem os pagamentos pendentes, é necessário começar a desenvolver contactos para que outras portas se abram. Esse é um trabalho que pode demorar anos até dar resultados. Ninguém sabe que outros mercados, devido à situação de guerra, se podem vir a perder nos próximos anos”, disse Henrique Soares.

O mesmo responsável referiu ainda que o ano em curso deveria corresponder a um bom desempenho económico para os produtores da região. “A evolução era boa. Este seria o terceiro ano de ações concertadas e deveria assinalar as presenças físicas dos produtores nos dois países. Recordo que os primeiros contactos com o mercado russo se iniciaram em 2020, no ano em que começou a pandemia. A partir daí todos os contactos foram digitais. Para este ano estavam previstas as ações físicas”, acrescentou. ■

## Guerra no leste da Europa tem efeitos residuais na atividade dos nossos portos

Sines refere que não existem transações e Setúbal diz que as mesmas são irrisórias face à generalidade da atividade.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO  
**IMAGEM** DR

**O CONFLITO ARMADO** que opõe na Ucrânia este país à Rússia quase não tem repercussões na atividade dos portos de Sines

e de Setúbal. As administrações das duas instituições referem que as transações ali efetuadas são praticamente inexistentes ou residuais.

Contactada a administração do porto de Sines, foi adiantado ao Semmais pelos seus serviços de comunicação que, atualmente, não são feitas transações a partir daquele local de e para a Rússia, isto apesar de a estrutura portuária ser referida como local de desembarque de gás proveniente daquele país.

A mesma administração, tal

como o nosso jornal referiu na última edição, afirma sim que o conflito armado pode originar alterações no seu funcionamento, nomeadamente através da construção de depósitos e outras estruturas destinadas ao armazenamento e transporte de gás para outros países europeus.

Já em relação a Setúbal a informação prestada foi de que “até ao momento a situação de guerra na Ucrânia não teve impacto na atividade desenvolvida nos terminais do porto”.

“A movimentação de merca-

dorias com a Rússia, enquanto país de origem ou de destino, tem sido na importação de carga geral fracionada e graneis sólidos, nomeadamente sucata, e na exportação de carga contentorizada, num total de cerca de 60 mil toneladas”, adiantaram os responsáveis da Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra – APSS.

A APSS refere ainda que a carga ali movimentada relativamente à Rússia é de apenas 6,5 milhões de toneladas. “Este valor tem uma expressão residual para

o porto de Setúbal”, adianta.

Os portos de Sines e Setúbal são dos principais do país, sendo que o primeiro é o único de águas profundas em território nacional e um dos sete, na Península Ibérica, capaz de ter capacidade operacional para expedir o gás natural proveniente da Rússia (e que devido à guerra já não passa pela Ucrânia) e que é essencial para alguns países do centro da Europa, nomeadamente para a Alemanha, que compra cerca de 40 por cento de toda a produção. ■

COMPANHIA DE TEATRO DE SETÚBAL APRESENTA CEGADA DE CARNAVAL

# Sátira “Brilhos e Chifons”

Passado num cenário de cabeleireiro, a Companhia de Teatro de Setúbal apresenta uma cegada de Carnaval, onde em tom de sátira faz uma crítica à sociedade e às políticas setubalenses.

TEXTO DORA DUARTE

IMAGEM DR



“BRILHOS E CHIFONS” com textos de Bruno Frazão, Carlos Crispim e Carlos Nascimento, está em cena até ao dia 12 de março, no Grupo Desportivo Independente, em Setúbal. O elenco, na faixa etária dos 40 aos 71 anos, é constituído por Dulce Marcos, Fernanda Pacheco, Carmen Jones, Sara Margarida, Carlos Nascimento e Bruno Frazão, que também é responsável pela encenação, cenografia e figurinos.

As cegadas, teatro de raiz comunitária, são uma manifestação de cultura popular criada há mais de 100 anos. Associa o fado ao teatro enquanto apresenta uma crítica social, política e religiosa “a tudo ou quase tudo o que acontece entre carnavais, doa a quem doer”.

“Brilhos e Chifons’ fazem parte daquilo que são as cegadas de Carnaval, que em Setúbal tinham alguma expressão, nomeadamente nos bairros piscatórios, e que por esta altura se estreava sempre um espetáculo na vertente cómica. Antigamente eram feitas à porta das tabernas e ganharam o nome de cegadas porque no final de cada atuação os donos das tabernas ofereciam bebidas, aos cegan-

tes (atores) e, no fim, a bebedeira era tal que acabava tudo à pancada, daí chamar-se cegada. Outra explicação é a questão da crítica ser feita às cegas doa a quem doer, portanto não havia filtro no que se pretendia criticar”, explica ao Semmais Bruno Frazão, que é mestre em teatro e comunidade, pela Escola Superior de Teatro e Cinema, onde apresentou uma tese precisamente sobre as cegadas de Carnaval, em Setúbal.

## DRAMATURGIA TEM SALÃO DE CABELEIREIRO COMO CENÁRIO

O nome “Brilhos e Chifons” surge não só porque se passa num cenário de cabeleireiro, onde são abordados temas da sociedade atual em tom de sátira e “conversa de cabeleireiro”, mas também, diz Bruno Frazão porque “é um nome bri-

lhante e sedoso tal como as críticas que o elenco faz”.

“Achámos que era um nome sonante, nomeadamente da forma brilhante e sedosa do tecido que comparamos à forma como fazemos a nossa crítica e também porque decorre num salão de cabeleireiro, local onde à partida entra muita gente e se fala de muita coisa, por isso achámos que ficaria giro tanto para nome de salão como pela forma subtil com que fazemos a crítica”, refere em tom de brincadeira, o também presidente da Companhia de Teatro de Setúbal.

Esta cegada “promete fazer rir do início ao fim” e aborda a política local, nomeadamente “as eleições autárquicas, um bocadinho das legislativas, uma paródia com Dores Meira, na sua ida a Madrid, passando pela pandemia e a vacinação”. ■

# Bailado “RELHUM” no Forum Luísa Todi

TEXTO DORA DUARTE

IMAGEM DR

**O ESPETÁCULO VAIASTAR EM CENA** nos dias 11 e 12, tendo como mote resiliência, esperança, humanidade, união e a memória. “RELHUM”, “onde a dança e o canto lírico se casam numa harmonia contemporânea”, é sobretudo uma ode à mulher, representada através da sua força e convicções.

“Este bailado poderá ter várias leituras, depende da experiência pessoal de cada espectador e da forma como recebem a mensagem, mas todas ligadas ao tema da importância da mulher na sociedade atual”, conta ao Semmais Iolanda Rodrigues, coreografa e membro da direção da Academia de Dança Contemporânea de Setúbal (ADCS).

Se acha estranho o nome da obra, leia novamente, quer dizer mulher, mas ao contrário e isso é parte do significado te-

mático deste espetáculo, protagonizado pelos alunos da Pequena Companhia da ADCS.

“O nome é quase como uma simbologia da presença da mulher na sociedade, que ainda está completamente do avesso em pleno século XXI. Cada letra tem também um significado que retrata o género feminino, o R a resiliência, o E a esperança, L a liberdade, H a humanidade, U a união e o M a memória”, explica a coreografa, afirmando que a coreografia pretende passar sensações e emoções de cada letra que constitui a palavra e criar um ambiente emocional positivo, mas também uma reflexão.

A dramaturgia realiza-se em parceria com o Coro Setúbal Voz que se disponibilizou, de uma forma solidária, para trabalhar com a companhia e que sonoriza o espetáculo, com música de George Bizet e Jorge Salgueiro.

Ao Semmais Iolanda Rodrigues disse



ainda que estas iniciativas cooperativas são de extrema importância para o desenvolvimento cultural da cidade, assim como a presença da multidisciplinariedade. Apela também à presença máxima do público, uma vez que a ADCS se encontra a travessar uma fase frágil: “Estamos a atravessar uma grande crise económica, com ordenados em atraso e o financiamento do Estado é precário, por isso apelamos a presença de todos”. ■

## Agenda



### “ALÉM DA DOR”

O Teatro Municipal Joaquim Benite apresenta a dramaturgia inspirada nos livros de John Steinbeck, “Além da Dor”, pela Companhia de Teatro de Almada. A peça assinala a estreia como autor do britânico Alexander Zeldin.

Almada

de 4 de março a 3 de abril



### MIGUEL MOURA

O cantor alentejano, Miguel Moura sobe ao palco do auditório municipal para celebrar o Dia Internacional da Mulher. Num concerto bastante influenciado pelo Cante e o Fado, o jovem apresentará os mais recentes singles “Tenho de abalar” e “Amor Maior”.

Alcácer do Sal

8 de março, às 21h00



### “APATIA”

No Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, sobe à cena, “Apatia”, uma peça teatral proposta pelo Grupo de Visionário da Moita – Edição 2021, no âmbito do projeto da ArtemRede. A dramaturgia e a encenação são de Maria Fonseca.

Moita

11 de março, às 21h30



### CELINA DA PIEDADE

O auditório municipal acolhe um espetáculo de Celina da Piedade. O concerto reúne em palco três mulheres para interpretar temas que vão da música tradicional portuguesa aos sons contemporâneos e universalistas, passando pelo Cante, folk e pop.

Seixal

11 de março, às 21h30

SOFIA SOUSA COMPETE PELA EQUIPA DA UNIVERSIDADE DE CLEVELAND

# Siniense sagra-se campeã de 200 metros livres nos EUA

Sofia Sousa, detentora de vários recordes nacionais, viu a carreira perto do fim, perante o diagnóstico de um médico, no seguimento de uma lesão. No entanto, a nadadora não desistiu e este ano destacou-se no Horizon Leage, nos EUA.

TEXTO DORA DUARTE

IMAGEM DR



**O CAMPEONATO** de natação que contou com a presença de sete universidades americanas, decorreu em Indianapolis, nos Estados Unidos, entre 16 e 19 de fevereiro. Sofia Sousa foi quem mais pontou para a equipa feminina, arrecadando 54 pontos, no somatório das três provas individuais a que se propôs.

“Nadei os 200 metros livres onde me sagrei campeã feminina, nos 500 livres ganhei a final B e nos 100 livres convoquei-me para a final A, conquistando o 8º lugar. À parte destas provas também participei em duas estafetas,

mas que não somaram pontos à equipa”, disse a atleta de 19 anos.

Foi com muita satisfação que a nadadora siniense contou ao Semmais que se sagrou, campeã, na Horizon Leage, pois, segundo afirmou, mais do que ganhar esta prova tratou-se de uma superação pessoal.

“Senti-me muito feliz porque o maior medo de um atleta é ter um médico a dizer que ‘corre o risco de nunca mais poder voltar a nadar’, como me aconteceu. Por isso, depois de um ano a tentar recuperar de uma cirurgia, ganhar os 200 metros livres é

uma grande emoção”, refere Sofia Sousa com um sorriso na voz.

A atleta, que entrou na água pela primeira vez aos dois anos e que, “ultrapassado o ódio passou a apaixonada pelo desporto”, começou a competir com cerca de oito anos, pelo Clube de Natação do Litoral Alentejano: “A minha relação com a natação começou de uma forma peculiar. Era uma criança muito agitada e os meus pais inscreveram-me na natação para eu me acalmar, mas eu odiava, para mim era um castigo, no entanto acabei por me apaixonar.

## ATLETA É RECORDISTA DE SEIS PROVAS NACIONAIS

Hoje soma várias vitórias nacionais e é detentora de alguns recordes, que ainda vigoram. “Represento ainda seis recordes nacionais de juniores, que se encontram ativos. Para mim vejosos como uma honra, um privilégio. Mas de todos os títulos o que me marcou mais foi quando bati o recorde absoluto de 400 livres, no Porto, fui vice campeã, mas foi uma prova muito importante, onde me senti na melhor forma e também porque este título per-

tencia à antiga olímpica Tamila Holub”, conta a jovem nadadora.

O dos últimos desafios foi lançado em 2020, quando a atleta estava no Centro de Alto Rendimento e recebeu o convite para nadar pela Cleveland State, nos EUA. Embora com alguns receios, aceitou de imediato, até porque aos 10 anos de idade Sofia Sousa já sonhava emigrar. Neste mesmo ano a nadadora foi submetida a uma cirurgia ao ombro por ter rasgado um tendão.

“Foi um misto de sensações, mas todos os meus treinadores nos EUA sabem da situação. Confesso que não foi uma fase fácil, aconteceu antes de ir para a América, depois de um campeonato em Lisboa em que eu não conseguia nadar devido às dores. Fui ao médico e ouvi que ‘ou fazia a operação ou então nunca mais podia voltar a nadar’, é assustador para um atleta! Então eu avancei.”, partilha.

Atualmente, a atleta estuda marketing, na Universidade de Cleveland, por quem veste a camisola para competir entre as academias americanas. Devido à lesão, faz fisioterapia todas as semanas e não sabe se irá seguir a carreira profissional, mas garante que irá nadar até que o ombro permita. ■

Academia de Dança Contemporânea de Setúbal

**R E H L U M**

ESPECTÁCULO  
Pequena Companhia  
Little Company

com a participação  
Coro Setúbal Voz

Coreografia | Iolanda Rodrigues  
Música | Georges Bizet • Jorge Salgueiro

FÓRUM MUNICIPAL  
LUÍSA TODI

11 . 03 . 22  
• 15h00 | Escolas  
• 21h00 | Público Geral

12 . 03 . 22  
• 21h00 | Público Geral

Organização: Pequena Companhia Little Company  
Colaboração: [Logos]  
Patrocínio: REPÚBLICA PORTUGUESA, DGEstE, SETUBAL, [Logos]  
Parceiros: [Logos]

**PRAÇA MULHER**

8 MARÇO  
PRAÇA DO BOCAGE  
10H00 - 12H30  
DIA DA MULHER 2022

MANHÃ COM  
DEPOIMENTOS DE MULHERES DE DIFERENTES ÁREAS DE ATIVIDADE  
ANIMAÇÃO CULTURAL E DISTRIBUIÇÃO DE FLORES

ORGANIZAÇÃO: [Logos] UNIÃO das FREGUESIAS de SETUBAL  
CONTACTOS: 935 766 881



Lena d'Água

**EU ESCOLHO VACINAR-ME.**

**Faça o mesmo.  
Por si. Por nós. Por todos.**

**Vacine-se contra a gripe e reforçe  
a proteção contra a COVID-19.**

**EDITORIAL**  
**RAUL TAVARES**  
 DIRETOR

## E para além da guerra...

**ENQUANTO A GUERRA DE PUTIN** vai avançado, deixando um rasto de destruição e de vítimas, já com centenas de mortes contabilizadas e lastro incomensurável de refugiados, o mundo regista uma elevada 'prontidão' para o que vem a seguir.

A China, por exemplo, com uma posição aparentemente dúbia, emergirá desta inusitada e terrível contenda como o player intocável. Nas últimas décadas fortaleceu o seu poder económico e vai sair ainda mais agigantado.

Num jogo de surdos, Xi Jinping apoia tacitamente Putin (será a saída deste na amenização dos bloqueios) mas não se intromete diretamente na guerra. Pode até ser, em última instância, uma das chaves no convencimento dos russos em aceitar um cessar-fogo ou uma das múltiplas soluções que levem ao fim do conflito.

O mundo ocidental está a preparar-se para uma metamorfose que vai deixar grandes marcas, sobretudo a Europa, e em particular a União Europeia, agora 'obrigada' a militarizar-se em grande escala, robustecendo os orçamentos para armamento e para fundos de guerra, a pretexto desta vizinhança bélica.

As consequências são enormes numa altura em que não só se estava a empreender a recuperação económica pós-Covid, como fazer renascer as lógicas de uma Europa social, vertida pelo Tratado de Lisboa, e ostracizada pelas guerras do mundo financeiro do início do século.

Com esta investida à margem do direito internacional, Putin logrou unir os seus inimigos de sempre, dando razão aos europeus e americanos para voltarem a creditar a Aliança Atlântica.

Mas o maior medo de Putin não é a expansão militar do 'inimigo' para junto das suas portas, mas sim a contaminação política e ideológica de uma Ucrânia com modos de vida ocidentalizados. E a 'mistura' que esta frente democrática, livre e liberal pode representar no caldo de culturas que une os povos da Ucrânia e da Rússia. E, nesta conceção, Putin prefere perder além-fronteiras do que ser derrotado entre os seus. ■

**JOÃO COSTA**  
 DIRIGENTE DO PS

**NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL** de Palmela que se realizou no dia 24 de fevereiro foram apresentadas duas moções de solidariedade para com o povo ucraniano, neste momento em que a Ucrânia é vítima de uma invasão bárbara, injustificada e impensável por parte do governo liderado por Putin. As duas moções, apresentadas pelo Partido Socialista e pelo PSD, foram aprovadas com a abstenção da bancada do PCP. Uma abstenção que tentaram justificar com o relativismo e a memória de outros ataques e invasões, repetindo o mantra de que não há imperialismos bons nem maus, mas voltando – como tinha acontecido nessa mesma tarde na Assembleia da República – a ser incapazes de condenar com veemência a atuação de Putin. Acusa-se a NATO, a União Europeia, os Estados Unidos, mas a Rússia nunca é referida – na melhor das hipóteses, menciona-se a sua atuação como uma consequência dos feitos de outros.

Tento perceber o relativismo de facção e não consigo. Estamos de acordo. Não há imperialismos bons e maus. São todos maus. Então, condenem-se todos sem hesitar, em coerência com a

**FIO DE PRUMO**  
**JORGE SANTOS**  
 JORNALISTA

**QUE OUTRO TEMA** teria justificação e actualidade para quem periodicamente aqui manifesta a sua forma de sentir e que no início dos anos setenta do século passado teve de participar na Guerra Colonial (embora nunca tivesse pegado numa arma) que mobilizou os portugueses para África e Ásia durante catorze anos e onde uns bons milhares perderam a vida e muitos mais ficaram deficientes e que ainda hoje não se conseguiram livrar do trauma daí derivado?

Não gostamos da palavra guerra mas é bastante utilizada nas nossas conversas e mesmo falando da pandemia que há mais de dois anos assaltou o Mundo fazemos a compa-

# A Ucrânia: condenação sem relativismos

condenação que o PCP já fez de outros ataques.

Não me esforço e não quero perceber a defesa camuflada do líder político que mais tem alimentado e financiado as extremas-direitas de todo o mundo.

Não há qualquer racional, nada faz sentido nesta posição do PCP. É o velho ódio aos Estados Unidos, sem capacidade de posicionamento perante a situação presente? É achar que se está a defender a Mãe Rússia, como se esta Rússia fosse a imagem da URSS?

Talvez não haja mesmo nada para perceber. Mas custa-me a falta de coragem exibida nos múltiplos comentários e lamentos. Perante a condenação que muitos fazemos da posição do PCP, militantes comunistas vitimizam-se, dizendo que a sua posição está a ser adulterada (não, não está. Não se lê em nenhum comunicado uma inequívoca condenação da Rússia); iludem-se, relativizando mensagens e relatos de ataques que ocorrem na Ucrânia (dando voz à máquina de propaganda russa). Se não condenam – e não o fazem – não enrolem. Se condenam, digam-no explicitamente e associem-se ao apoio à Ucrânia.

A democracia não é uma palavra para encher a boca. É a afirmação da dignidade dos direitos humanos de todos os povos. Putin abomina os valores democráticos ocidentais, persegue e prende manifestantes que clamam paz, limita direitos fundamentais por conservadorismo moral, alimenta-se da violência e tem um plano traçado há vários anos. Que Trump, Le Pen, Salvini ou Bosonaro posem sorridentes em fotografias com Putin não surpreende. Que o PCP queira estar nesse retrato, relativizando o mal, ignorando crimes de guerra e dizendo que não há posição a tomar, porque tudo é igualmente mau, desilude e choca.

É importante lembrar que, em Palmela, não se votou nenhuma moção com uma análise profunda da situação mundial. Votou-se a solidariedade para com um povo que sofre uma invasão brutal e desproporcionada.

Às vezes ficar em cima do muro não é ser neutro. É virar as costas à democracia e à liberdade. Foi assim em Palmela, foi assim na Assembleia da República, foi assim o voto no Parlamento Europeu. ■

## Guerras

ração com os números de baixas causadas por este género de ocorrências. Até nas referências às competições desportivas esta palavra surge substituindo o espírito de competição e de avaliação pessoal e colectiva entre atletas e equipas, recorrendo muitas vezes a expressões como "petardo e tiro" para salientar a força com que o remate foi "disparado".

Por todos os pontos do Mundo surgem manifestações contra a invasão russa à Ucrânia o que se compreende mas o certo é que os objectivos parecem cada vez mais longe pois sabe-se que quem actua com maldade e interesses velados não cede a argumentos por muito convincentes

que estes se apresentem.

Acrescidas à solidariedade surgem as sanções económicas que poderão afectar muito mais as populações dos países que nada têm a ver com o crime do que aos próprios russos, eles também vítimas do Presidente que elegeram.

Os poucos dias que esta guerra regista no calendário e o conhecido crescendo de destruição mostram-nos que o fim está cada vez mais longe e se a agressividade se manter sem qualquer receio das armas que lhes ofereçamos que ninguém por muito entendido que se considere se atreva a dizer-nos que a Paz está a chegar pois tal não é possível com estes dirigentes. ■

**semmais** / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, Dora Duarte, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Baltazar Martins** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / **f** /jornalsemmais

JOÃO SANTOS SERRA  
ECONOMISTA

# A independência do Brasil e a Maçonaria

**A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL** não teria acontecido da forma como ocorreu, não fosse a intervenção da Maçonaria.

Há registos da presença da Maçonaria no Brasil desde finais do século XVIII, e muitos dos seus representantes, envolveram-se nos movimentos políticos, pró independência do Brasil.

Assim, consta que os principais mentores da independência do Brasil eram Maçons, e faziam parte do Grande Oriente Brasileiro.

José Bonifácio de Andrade e Silva foi dos mais destacados do movimento independentista. Estadista e professor universitário em Coimbra, onde foi graduado em Filosofia e Direito Civil. Foi igualmente, membro da Academia de Ciências de Lisboa. Apesar de ter nascido em São Paulo em 1763, toda a sua formação foi em Portugal.

Por ocasião das invasões Francesas, José Bonifácio, alistou-se no corpo de voluntários académicos, tendo servido a Coroa portuguesa como oficial, e por fim, comandante de regimento de infantaria. Com a expulsão dos franceses de Portugal, tornou-se chefe da polícia do Porto.

Regressado ao Brasil, tornou-se figura preponderante na vida política local. Foi Vice-presidente da junta governativa de São Paulo, e posteriormente, Ministro do

Rei D. Pedro I. A sua acção política tornou-o, juntamente com D. Pedro, dos principais obreiros da independência do Brasil.

Outros dois Maçons do Grande Oriente Brasileiro, destacaram-se no processo de independência, refiro-me a Joaquim Gonçalves Ledo e José Clemente Pereira.

Estes Maçons, forem responsáveis por convencer o Príncipe D. Pedro, a aderir à causa da independência do Brasil.

O Príncipe D. Pedro, à data regente do Brasil, foi iniciado maçom numa Loja tipicamente brasileira a 2 de Agosto de 1822, na então designada Loja “Comercio e Artes”, adoptando o cognome de “GUATIMOZIN” - nome do último Imperador Asteca.

Nos últimos meses de 1821, D. Pedro passou a receber vários ultimatos das Cortes para regressar a Portugal. Todavia, quando o Príncipe Regente estava prestes a regressar ao seu país, foi convencido a permanecer no Brasil, através de uma mobilização popular, organizada e chefiada, pelos maçons supra citados.

A oficialização da opção de D. Pedro de permanecer no Brasil, ocorreu no dia 9 de Janeiro de 1822, tendo falado aos inúmeros manifestantes reunidos junto ao palácio imperial, dizendo: “Se é para o bem de todos, e felicidade geral da Nação, estou

pronto! Digam ao povo que FICO”. Essa foi a ilustre frase proferida por D. Pedro, tendo esse dia passado a ser conhecido como: “O dia do Fico

Dessa forma, D. Pedro, contrariou as ordens recebidas das Cortes em Lisboa, e a própria vontade do seu pai, Rei D. João VI, que exigiam o seu regresso a Portugal.

A decisão tomada pelo Príncipe e regente do Brasil, deu força e forma, ao movimento das elites políticas no Brasil. As quais, pretendiam a separação do reino de Portugal, e criação do novo reino do Brasil.

Dando cumprimento ao ultimato para que o Príncipe regressasse às Cortes, José Avilez Tavares, governador de Armas da Corte, reuniu cerca de 2.000 militares de cora, de forma a obrigar o Príncipe D. Pedro e família, a regressarem a Portugal.

Todavia, o Príncipe e seus apoiantes, conseguem mobilizar mais de 10.000 homens, entre eles, muitos tribais, obrigando o comandante Jorge Avilez a demitir-se do seu cargo e regressar a Portugal, sem o Príncipe.

Por fim, deixo aqui um facto digno de registo, tanto pela sua singularidade, como pela importância histórica. O qual relata que a assinatura do decreto declarando o Brasil oficialmente separado de Portugal, no dia 7 de Setembro de 1822, foi outorga-

do por D. Leopoldina da Áustria, esposa de D. Pedro, e que à data, era a interina chefe de Estado e Princesa Regente do Brasil. Poderes que lhe foram atribuídos pelo seu marido, em virtude de se ter deslocado a São Paulo.

Assim, quando chegou ao Rio de Janeiro, e após uma viagem bastante atribulada em termos da sua saúde, o Príncipe D. Pedro, depara-se com a Intendência do Brasil já consumada formalmente.

Todavia, nos principais manuais da história do Brasil, o acto da declaração da independência do Brasil, é simbolizado pelo acontecimento ocorrido, nesse mesmo dia, 7 de Setembro de 1822, quando D. Pedro, nas margens do rio Ipiranga, que significa “riu vermelho” na língua Tupi, pequeno riacho localizado em São Paulo, terá recebido informação que as cortes teriam anulado as suas ordens, e reduzidos os seus poderes como Príncipe Regente. Então, falou a todos que o rodeavam, declarando, em sua honra, a separação irreversível do Brasil a Portugal, proferindo a famosa expressão, “independência ou morte”.

Essa expressão passou a ser conhecida como: “O Grito do Ipiranga”.

Frase que faz parte do hino nacional Brasileiro. ■

CARLOS LUNA  
PROFESSOR DE HISTÓRIA

## Os Intelectuais do Meu País

**ELOGIAR A LUSOFONIA** é politicamente correto. Fá-lo qualquer intelectual português de forma automática. Delira em dissertações sobre o Português em Timor Leste. Medita sobre a sobrevivência de vocábulos e apelidos portugueses na Malásia (Malaca). Estremece com a referência a goeses que ainda sabem algo da língua de Camões. Ainda se deleitará com placas toponímicas com apelidos portugueses no Sri Lanka (Ceilão)

Se tiver alguma coragem, referirá as afinidades entre o Português e o Galego. Se não falar numa língua única com dois dialetos, falará numa origem comum ou numa alma comum. Mas... nada de confusões políticas. A Galiza tem de ser tratada sem compromissos!

Poderá referir ruas de cidades dos Estados Unidos ou da Inglaterra onde se fala algum Português. Ou de vestígios de lusismos no Uruguay. Fica tão bem a um homem de cultura, consagrado, falar destas coisas!! Afinal, ele não é uma pessoa qualquer. É a elite moderna de Portugal, aberto, europeu, obediente a regras internacionais, algo crítica (talvez) em relação aos mercados desregulados que estão a destruir o mundo e até uma determina-

da ideia de Europa, mas... sem tocar em assuntos mais polémicos! Fica mal. Uma elite assim é assética. Gosta de receber prémios... ou de ler opiniões em que se diz que, se ainda os não recebeu, esse dia chegará!

Enchem-se páginas de fino recorte literário, como soe dizer-se, com dissertações sobre palavras soltas, almas, recordações lusitanas um pouco por toda a parte. Bonito, tudo isto. É História! É “chique”! Fica mesmo bem!! É uma cultura que “já deu quase tudo o que tinha a dar” (passe a vulgaridade), e que importa realçar. Afinal, ela até tem aspetos interessantes.

Mas, por favor, não se fale de Olivença. Muito menos da recuperação, por locais, de valores culturais e linguísticos (caso de 73 topónimos) portugueses para “aquelas bandas”! E...uma Associação autóctone, já dissolvida (“Além Guadiana”, 2008-2019) incentivou a aquisição da nacionalidade portuguesa entre os locais (para além da promoção de tradições portuguesas em geral). E não param de aumentar os números de oliventinos com a nacionalidade portuguesa, já com direito a voto. Já são quase mil e quinhentos!

Desfaçatez suprema! Ao fim de duzentos anos, tal tipo de eventos assusta! Como é possível ressurgir uma cultura que foi duzentos anos reprimida? E logo... cultura portuguesa e alentejana? Que heresia!

Falar numa acção colonial intensiva e repressiva ao pé da porta é incómodo, ou mesmo loucura. A Espanha moderna não é capaz de isso. E ensinar só História de Espanha nas escolas de Olivença (com algumas exceções de um ou dois professores, mas sempre fora do programa oficial) é natural... mesmo se essa História não é, nem pode nunca vir a ser, a verdadeira História do passado de Olivença. E contra isto quase ninguém fala, à direita ou à esquerda. Neste caso, a esquerda, de que faço parte, parece esquecer a sua vocação para libertar a humanidade da ignorância e do colonialismo, enquanto a direita esquece a sua vocação patriótica!

Não podemos esquecer que Olivença, em Espanha, está certamente mais desenvolvida. Ou não? Segundo uma História da Extremadura (espanhola), de um tal Marcelino Cardalliaguet Quirant (1993/94) ,, e citando, «En 1801, el territorio extremeño se veria repentinamente

aumentado con la importante ciudad de Olivenza - entonces tan grande y

poblada como Badajoz -, conquistada a Portugal en la llamada Guerra de las Naranjas por el próprio Godoy(...)» .

Parece que afinal Olivença já teve comparativamente um peso maior. E, (pasmem-se!), quando era ainda portuguesa.

A Câmara local (bem como a de Táliga, antiga aldeia de Olivença autonomizada em 1850, estão mesmo a envidar alguns esforços para salvar o que de Português ainda subsiste na fala do dia-a-dia. E, na verdade, ainda há quem fale português. E algumas palavras parecem resistir ao mais intenso espanholismo!

Ainda se essas fossem algumas palavras em Ormuz, ou nas Ilhas Hawai, ou entre holandeses descendentes de portugueses. Em Olivença?

As elites não gostam de surpresas destas. Calam. Silenciam. Para que ninguém saiba.

Serão mesmo elites? Não, não são. Pensam que são. São gente acomodada ao “politicamente correto Como dizia Zeca Afonso, “os eunucos devoram-se a si mesmos”.

Grande Zeca, como tenho saudades tuas!!! ■



CASA  
**ERMELINDA**  
EST. FREITAS 1920

1920 **1000** 2020

**A N O S**  
Y E A R S

**VINHAS & VINHOS**  
VINES & WINES  
**PORTUGAL**

DAS MELHORES UVAS NASCEM OS MELHORES VINHOS.  
FROM THE FINEST GRAPES COMES THE FINEST WINES.

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.



[WWW.ERMELINDAFREITAS.PT](http://WWW.ERMELINDAFREITAS.PT)

